

AUTORIA FEMININA SENEGALESA, A CASA, OS MÓVEIS E SUA RELAÇÃO COM O FEMININO EM *KÉTALA*, DE FATOU DIOME

Rodrigo Nunes de Souza ¹
Vanessa Neves Riambau ²

RESUMO

A produção literária senegalesa de autoria feminina assume um caráter recente, tendo em vista que as primeiras obras datam de 1970. Destarte, na contemporaneidade, o nome de Fatou Diome figura entre as principais escritoras que aborda, em seus livros, temas como a condição das mulheres, o racismo e questão diaspórica. Contudo, em *Kétala*, romance de 2006 e traduzido para o português em 2008, a autora traz temas considerados caros para o Senegal: a homossexualidade e a transexualidade, já que, no país, a questão LGBTQIAP+ é criminalizada. Com isso, o seguinte artigo visa problematizar como a autoria feminina senegalesa é vista, a partir da produção literária de Fatou Diome, bem como a relação entre a casa, enquanto espaço, com *Mémoria*, a personagem principal da obra. Além disto, destaca-se, também, como os móveis, objetos e utensílios, responsáveis pela narração da história, são representados e representantes por revelar algumas problemáticas presentes no Senegal, como a já citada questão da autoria feminina, a condição das mulheres e como o romance aborda, de modo ousado, a questão homo/transsexual.

Palavras-chave: Autoria feminina, Condição feminina, Fatou Diome, Questão LGBTQIAP+, Representação.

INTRODUÇÃO

Ao olhar em volta, percebe-se que vários móveis, objetos, utensílios e demais pequenezas tomam conta do espaço e acabam fazendo parte da vida de seus proprietários. Tornam-se íntimos, como se guardassem segredos, confissões, risadas, conquistas, presenciam momentos de dor, alegria e acabam, também, guardando, em si, tristezas. Esse misto de sentimentos e os móveis (e demais quinquilharias) entrelaçam-se, sobrepondo-se ao humano, através da ficção. Esta que acaba sendo, portanto, uma forma de discutir questões sociais, como a condição feminina, o adultério, o acesso à educação, revelando a trajetória de uma mulher que, após sua morte, tem a vida apresentada por seus objetos íntimos ou que conviveram consigo ao longo de sua estadia no plano terrestre.

¹ Doutorando em Letras (Estudos Africanos e Afro-brasileiros) da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, nunnes-rodriigo@hotmail.com;

² Professora do curso de Letras e da Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, vanessariambau@gmail.com

É a partir da tristeza dos móveis que parte a premissa do romance *Kétala*, da escritora senegalesa Fatou Diome. Neste, nota-se que a vida da protagonista, de nome Mémoire, é contada pelos objetos que são deixados após sua morte. Antes que haja a partilha dos bens, os pertences da personagem decidem, em uma espécie de assembleia, narrar a vida de sua proprietária, revelando detalhes de uma mulher que rompeu com papéis socialmente impostos às mulheres, como o de não frequentar uma escola, e apresentando suas versões e esclarecimentos sobre fatos marcantes da vida de Mémoire no Senegal e na França, local marcadamente diaspórico e que evidencia a transformação da protagonista dentro do romance.

A história se inicia com um narrador em 3ª. pessoa, informando aos leitores sobre a ausência da personagem principal em sua casa. A cama não está desfeita, a escova de dente permanecia sem uso e, na cozinha, apenas uma mancha de café encontrava-se sobre o ladrilho. Tudo parecia fora do normal, já que Mémoire, após casar-se com Makhou, seguindo as tradições locais, devia cumprir com seu papel de esposa – este rompido com as posições transgressoras da personagem, como não aceitar o espaço do lar como único para si. Ao perceber a ausência de sua proprietária, seus pertences decidem romper com o silêncio e combinam, entre si, revelar quem foi sua dona, pois “quando uma pessoa morre, ninguém cuida tristeza dos móveis” (DIOME, 2008, p. 10).

Partindo da tristeza que acomete os objetos da personagem, este artigo traça uma leitura da escrita de autoria feminina no Senegal e como os objetos representam as circunstâncias do país, levando em consideração a personagem principal do romance *Kétala*, de Fatou Diome. Entende-se que, com esta narrativa, a autora apresenta problemáticas acerca da condição feminina, utilizando-se, para isso, as vozes assumidas por diferentes móveis, objetos e utensílios. Para isso, o estudo em questão divide-se em apresentar a questão da escrita de autoria de mulheres senegalesas, visando destacar Fatou Diome, e, com a *Teoria dos Objetos* (1981), de Abraham A. Moles, cuja discussão centra-se em mostrar como os pertences que rodeiam os seres humanos incidem, direta ou indiretamente, no modo de vida destes. Além disso, ainda de acordo com Moles, os objetos também interferem na produção artística.

Segundo romance da autora, publicado originalmente em 2006, *Kétala* traz temas considerados caros para a sociedade africana, como a situação das mulheres, a homossexualidade, a transexualidade, o adultério e tradições culturais, como a educação feminina voltada para o espaço doméstico. Contudo, neste estudo, detêm-se à questão feminina e a representação dos objetos, pois são elementos essenciais para se compreender as críticas que a autora traz em sua narrativa. Quando de sua publicação, Fatou Diome já se encontrava na França, país para o qual a escritora se mudou ainda na adolescência a fim de concluir seus

estudos, rompendo, assim como a personagem, com a perspectiva esperada para uma mulher no âmbito senegalês.

Traduzido e publicado em português em 2008, *Kétala* traz, já no título, aspectos da culturais do país de origem da autora. A narrativa divide-se em “Prólogo”, em que os primeiros objetos são apresentados, bem como a protagonista; “Primeira Parte”, cujos aspectos em torno de Memória evidenciam-se; “Segunda Parte”, onde há um aprofundamento das questões em torno dos móveis e, por fim, “Epílogo”, sinalizando qual é o destino dos pertences após estes apresentarem a protagonista. Sendo assim, a estrutura do artigo segue a mesma do romance, apresentando, nas respectivas partes, os aspectos mencionados anteriormente os quais são o foco do estudo a seguir.

DO PRÓLOGO OU DA AUTORIA FEMININA SENEGALESA

Os móveis aquietam-se. Precisam reunir histórias sobre sua dona, Memória, já falecida. Após o enterro, permanecem reunidos, com medo de que o *kétala* ocorra e os separe antes que esse desejo não seja concretizado. É através destes relatos que a situação da protagonista é apresentada e, além disto, outro ponto que se destaca é a escrita de autoria feminina. No caso do Senegal, em particular, esse aspecto faz-se importante ressaltar.

Para Samb (2017), a produção literária de autoria feminina no país tem um início tardio, por volta dos anos 1970. A atualidade dessa produção coincide com as transformações sociais que atravessou o Senegal, como uma escolarização que visasse uma educação para as mulheres que não as incentivasse a ter o lar como único lugar esperado. Com isso, além dos movimentos em torno da negritude, como os liderados pelo ex-presidente Léopold Senghor (1906-2001), a literatura escrita por mulheres favorece às mudanças em torno das conquistas femininas, realizando, assim, pioneirismos, como os conquistados pela escritora Mariama Bâ (1929-1981), cuja luta por uma educação para meninas estabelece mudanças significativas no país, como escolas voltadas exclusivamente para esse público.

Esse aspecto em torno da condição feminina é apresentado na primeira parte do livro, denominada “Prólogo”. Nesta, são apresentados os primeiros móveis, objetos e pertences da autora, como as primeiras falas da Porta, do Travesseiro, da Cama, do Lençol, entre outros. Percebe-se que a situação das mulheres é destacada por móveis/objetos que apresentam algum tipo de proximidade com a protagonista. Já entristecidos com a partida de sua dona, é a Mesa quem decide elucidar essa questão:

– Não, mas, oh! – gritou a Mesa. – Vocês viram como aquele³ ali nos tratou? Ele acha-se num armazém da Emmaüs⁴, ou quê? Será que não sabe que os móveis também se podem sentir órfãos enjeitados? Há na protecção à criança para os garotos maltratados, batalhões que voam em auxílio das mulheres vítimas de violência doméstica, até temos organismos para consolar os maridos dos golpes de caçarola e para nós nada, nós que estamos na total incapacidade de nos queixarmos ou de ripostar. Onde está a justiça nisto? Este homem vai voltar a fazer o mesmo, é assim, a impunidade perpetua o crime. Aposto que este tipo não hesitará em nos atirar para fora daqui, provavelmente, antes mesmo do kétala. (DIOME, 2008, p. 16-17).

A partir do fragmento, percebe-se que a Mesa evidencia, além da tristeza pela partida da dona, a preocupação em separar-se dos seus companheiros, sem antes destacar a questão das mulheres no país. Fatime Samb (2017), em uma produção sobre Mariama Bâ, uma das influências de Fatou Diome, revela que a autora de *Une si longue lettre* (1979), romance de grande repercussão no continente africano, é uma das pioneiras em tratar como as tradições culturais, como a poligamia, afetam a liberdade da mulher. É nessa perspectiva que se enxerga a importância da produção literária de autoria feminina senegalesa, especificamente *Kétala*, em trazer vários móveis, objetos que são, costumeiramente, associados ao feminino. É essa escrita que ‘posicionou-se contra a violência que, de uma forma geral, a sociedade tendia impor sistematicamente às mulheres’ (SAMB, 2017, p. 90) que Fatou Diome se destaca, atualmente, como um dos principais nomes da literatura senegalesa.

No Brasil, essa produção, principalmente a de autoria feminina, ainda se encontra tímida, dada as poucas produções traduzidas e publicadas aqui⁵. Abrangendo essa questão para produções acadêmicas, também se percebe essa lacuna. Por isso, de acordo com as pesquisadoras Tânia Macedo (2003) e Maria Nazareth Soares Fonseca (2015), essa questão tende a ser preenchida com escritoras denunciando o pouco espaço que costumam ter no meio editorial. Mesmo com as pesquisadoras destacando produções literárias de países africanos de língua portuguesa, percebe-se, aqui, a importância de trabalhos, como os das autoras, em revelar como as mulheres ainda precisam lutar para terem seus livros circulando com maior visibilidade nos meios literários, acadêmicos e sociais.

Para a primeira, é mister recordar ‘o importante papel desempenhado pelas mulheres na luta de libertação de seus países, como força organizadora da resistência’ (MACEDO, 2003, p. 155). Relacionando essa perspectiva à produção de Fatou Diome, constata-se que a autora

³ A personagem refere-se ao Makhou, marido de Mémoria. No romance, ele a trai com a melhor amiga da esposa, Tamara, outra personagem de importante destaque na narrativa. Trata-se de uma mulher transexual e, no país, a questão LGBTQIA+ é considerada crime.

⁴ Segundo a autora, em nota explicativa, trata-se de um movimento solidário que visa recolher, para os mais pobres, roupas e móveis, a fim de redistribuí-los.

⁵ *Kétala* ainda não possui publicação no Brasil. Da autora, até agora, só seu primeiro romance, *O Ventre do Atlântico* (2003), encontra-se publicado pela Editora Malê (2019).

consegue desempenhar essa função, quando, seguindo os passos de Bâ, traz para seus escritos denúncias acerca da condição feminina em um país marcado pela imposição de tradições às mulheres. Para Fonseca (2015, p. 104), a produção literária de mulheres, em África, assume “novos papéis que passa a exercer em virtude das alterações político-econômicas em evidência no mundo globalizado”. Entre essas mudanças, a partir do pioneirismo de Mariama Bâ, por exemplo, e que são abordadas por Diome em suas obras, destaca-se o acesso das mulheres à educação, debates em torno do racismo, problematização de práticas culturais, como a mutilação genital, entre outros.

É o poder desta escrita que consegue transformar o lugar da mulher na sociedade. Em seu ensaio *Pode o subalterno falar?*, Spivak (2010), destaca que o sujeito, quando se trata de uma mulher, está ainda mais propenso a não se pronunciar, devido ao silenciamento que é imposto desde cedo. Para a pesquisadora (2010, p. 110), “a questão da ‘mulher’ para ser mais problemática nesse contexto”. Retomando a discussão da pesquisadora, Kilomba (2019), em um dos episódios marcados pelo racismo cotidiano que a mulher negra sofre, destaca que esse silenciamento, o qual a autora chama de “ausência”, se dá pela posição de subalterna como sujeito da opressão que, diante da imposição, não fala porque as estruturas opressoras não permitem. Ao romper com esse silenciamento, Fatou Diome, suas antecessoras e contemporâneas, fazem de seus escritos uma forma de denunciar a opressão que sofrem. De acordo Duarte (2012, p. 77):

Quando a voz da mulher-escritora emerge desses textos, uma visão particularizada, minuciosa da questão configura-se, não se contrapondo à cosmovisão masculina, mas em ampliação valorizada que desce ao pormenor do humano mais mezinho, alheio ao heroísmo façanhoso das cenas de violência e barbárie tão presentes em algumas mais significativas páginas da literatura africana que ocorre hoje, no mercado editorial, com o dito cânone, sem nada lhe ficar devendo.

Uma discussão toma conta da casa de Mémoire. Móveis, objetos, utensílios e demais coisas que pertenceram à personagem precisam se apressar. O kéké se aproxima. Na discussão, é preciso encontrar um representante, uma espécie de presidente, para conduzir, de modo democrático, as falas e as revelações que são feitas. O xailé de reza, por exemplo, indigna-se, opondo-se ao que chama de “ditadura” (DIOME, 2008, p. 24). É dessa espécie de assembleia que se escolhe o Máscara para conduzir as sessões. É assim que a autora encerra seu “Prólogo”: promovendo uma reflexão de como a escrita e posição da mulher na sociedade senegalesa andam lado a lado. Não há separação, como se fosse um kéké. É preciso que se rompa com

ditaduras, como a do silenciamento, para que posturas democráticas sejam impostas, pois, só assim, há uma verdadeira igualdade.

DA PRIMEIRA PARTE OU DO KÉTALA

Após a morte de Mémoire, os humanos decidem fazer o *Kétala*, seguindo o que ordena a tradição. É isso que os móveis, objetos e demais pertencem da personagem temem. É através de um narrador em 3ª. pessoa que o leitor descobre do que se trata essa tradição que dá nome ao livro:

Os humanos haviam decidido fazer o *Kétala* de Mémoire, a partilha de seu patrimônio. No oitavo dia após o enterro, segundo a tradição muçulmana, dever-se-ia, sob olho vigilante do imã, distribuir os bens da defunta pelos diferentes membros de sua família. Depois da Porta ter acabado de falar, como que soprou um vento siberiano no apartamento. Há certas notícias que se abatem sobre nós, qual laçada gaúcha, para nos puxar para todo um outro destino. Os móveis estavam nesta mesma amarga constatação. No exterior, uma luz imensa de Agosto inundava agora as ruas, a chuva da véspera tinha, assim parecia, restaurado a tinta azul do céu e puxado o lustro ao disco solar. Aterrados pelo acabavam de saber, os móveis jaziam na penumbra do apartamento, contando horas que os acercavam inevitavelmente da data tão receada (DIOME, 2008, p. 15-16).

Temendo a separação, os móveis passam a relembrar o convívio com Mémoire e as situações que presenciaram. Com assembleia presidida pelo escolhido, democraticamente, entre os objetos da personagem, passa-se a observar que a tristeza que lhes afeta é enorme, fazendo com que, dessa forma, o presidente da sessão, finalmente, dê início aos testemunhos:

– Em nome do respeito pela Mémoire, pela nossa fidelidade eterna à nossa defunta proprietária e em virtude dos poderes que a mim me foram conferidos, eu declaro aberta a sessão de reconstituição da vida de Mémoire. Que cada um de nós se comprometa, solenemente, diante dos seus semelhantes e sobretudo diante da sua consciência a contar somente aquilo que testemunhou (DIOME, 2008, p. 30).

Dessa reunião começam a surgir os primeiros relatos sobre a vida da personagem principal. É ouvindo, inicialmente, os objetos mais próximos de Mémoire, como o lenço, o colar de pérolas e o relógio, que se descobre que a protagonista seguia uma vida fora dos padrões estabelecidos socialmente. O colar de pérolas, por exemplo, revela que está na família desde que pertenceu a mãe da personagem, mostrando como a tradição de permanecer uma hereditariedade é bastante comum na sociedade senegalesa. Contudo, alguns desses relatos são interrompidos, pois, de acordo com o Máscara, estes não podem apresentar muita extensão, já que o dia do *kétala* se aproxima.

É neste momento que responsabilizam o lenço pelas demoras. De acordo com os móveis, é ele quem faz com a sessão se prolongue, porque, antes de pertencer à Mémoire, o lenço absorveu os costumes masculinos, assumindo, assim, uma postura de opressão:

É a tua falta de disciplina que nos faz perder tempo – lançou desdenhosamente o velho Colar de pérolas – Como consequência de enxugares o muco dos homens, foste embebido de todos os seus defeitos, como a impaciência e a cólera. Já que te divertes a contar inutilmente o tempo, como os humanos, fica sabendo que a Mémoire andava nos seus trinta (DIOME, 2008, p. 39).

A idade da personagem causa curiosidade devido à jovialidade com que morre, motivando, para os móveis, um kátala antecipado. Após muita discussão sobre aspectos da vida de Mémoire, como suas decisões em não abrir mão da realização de seus sonhos, sua ida à França para encarar o ensino superior e abrir mão de um casamento fracassado, contrariando as tradições locais, a protagonista representa o que para Peter N. Stearns (2018) vai caracterizar como uma discussão que promove uma relevante mudança nas discussões sobre gênero no “vasto e variado subcontinente” (p. 224), quando menciona a África subsaariana.

Para ele, são transgressões, como as utilizadas pelos móveis para demonstrar como Mémoire modifica os pressupostos locais sobre as mulheres, que fazem tipos internacionais, como os movimentos de independência, ganharem destaque e propor um olhar diferente para a condição das mulheres no Senegal. É importante destacar que o autor, cujo estudo sobre as relações de gênero em países que compõem África subsaariana é visto como significativo para se entender como as mulheres lutaram para modificar o ambiente que lhes hostilizava, movimentos, como os feministas, são responsáveis por trazerem novas posições político-sociais para o público feminino, como o acesso à educação, um pluralismo político, o direito ao voto e exigir um novo conjunto de diretrizes governamentais, como o combate ao casamento forçado, à prostituição, à mutilação genital e outras práticas que oprimem as mulheres.

Desse modo, constata-se que os móveis, objetos e demais utensílios de Mémoire, ao relatarem quem foi sua proprietária, externam as mudanças que essa personagem promove tanto na sua vida quanto na sociedade. Assim, faz-se mister destacar como a representação destes é fundamental para compreender sua importância para a narrativa.

DA SEGUNDA PARTE OU DOS OBJETOS

Os objetos passaram a ser elementos precisos no cotidiano. Direta ou indiretamente, eles agem na vida de seus donos. Para Abraham A. Moles (1981), em *Teoria dos Objetos*, os pertences de um ser humano se relacionam com o social à medida em que ambos se tornam contemporâneos. Dessa forma, os objetos, para o autor, atuam como mediadores das transformações do(s) ambiente(s) que vivem.

Esses ambientes precisam ser analisados, já que estes se modificam quando passam a receber a ação das pessoas. Em *Kétala*, isso está presente desde que os móveis se dão conta da ausência de sua dona, porém é na denominada “Segunda Parte” que esse aspecto ganha contornos significativos. Observar a representação desses móveis na narrativa é notar que a sociedade senegalesa passa por transformações que só são possíveis graças a ação humana com as próprias mudanças pelas quais os ambientes passam. Como na fala do Computador (DIOME, 2008, p. 148): ao assumir que existe uma discrepância em objetos eletrônicos, por estes serem mais atuais, não deixa de destacar que não compreende ações humanas:

Em todo caso, eu, o Computador, nem sempre compreendo como podem eles saltar do décimo segundo andar para o décimo primeiro quarto sem passar pelo décimo terceiro? Bom, afinal, mantenho que a história de Mémoire é como um prédio, não é preciso parar em todos os patamares para ter uma ideia. Por outro lado, nos dias de hoje, há quem erga torres de copos, tijolos ou palavras, sem se questionar muito sobre a maneira de empilhar os andares uns sobre os outros.

O relato do Computador demonstra o que Moles, na sua *Teoria dos Objetos*, fala sobre “considerar os objetos como mediadores da relação entre cada homem e a sociedade” (1981, p. 09). Considerando-se esse ponto, o autor destaca que cada pertence que compõe um ambiente, por exemplo, é responsável por transmitir uma mensagem, podendo chegar, inclusive, de modo próximo ou longínquo. Tudo depende, portanto, de como o ser humano vai se comportar diante do objeto que utiliza ou manuseia.

Ao destacar a proximidade que os objetos podem ter dos humanos, o autor se refere ao que está ao alcance dos sentidos das pessoas. Sendo assim, o Travesseiro revela uma sensação muito íntima de sua dona: o sexual. Aspecto não bem visto pela sociedade senegalesa por se tratar de uma mulher, o objeto deixa claro que a personagem não assume uma postura diferente, ao seduzir o até então esposo, com uma decisão que, normalmente, não se espera de uma mulher. Isso só é possível porque o Travesseiro está ao alcance de Mémoire, capturando, assim, os seus sentidos mais íntimos:

A Mémoire tinha previsto um epílogo totalmente diferente. Tendo chegado ao quarto antes dele, ela estava nua quando Makhou empurrou a porta. Ingénua, ela estendeu-lhe um frasco de óleo de massagens: “Toma, tu querias saber como me seduzir? Aqui tens, uma boa massagem será suficiente, penso que apanhei uma corrente de ar” (DIOME, 2008, p. 193).

O outro aspecto apontado por Moles, o longínquo, caracteriza-se por estar situado a uma distância que pode ultrapassar os sentidos daqueles que estão em contato com os móveis, objetos e entre outros utensílios. Para o autor, há um sistema de transferências que consegue

unir o aspecto humano ao material, como a constatação do Máscara de que a atitude de Mémoire, descrita pelo Travesseiro, foi uma forma encontrada pela personagem para perceber que seu casamento não progrediria, por não haver reciprocidade e por Makhou, seu esposo, ser homossexual, desvelando, assim, uma das temáticas que, de acordo com Stearns (2018), assume uma importância significativa nas sociedades africanas, visto que a homossexualidade, em muitos países do continente, é criminalizada:

E sobretudo era já tempo que ela as dissesse a ela própria – rectificou o Máscara – Não bastava gingar-se para ser irresistível. Quando alguém fecha os olhos para ignorar o sol, não pode queixar-se depois de chocar com um tronco de árvore. A Mémoire devia enfim compreender a vanidade da sua obstinação. Não se consegue fabricar um marido como quem talha uma estatueta. O amor não se decreta, o desejo menos ainda (DIOME, 2008, p. 196).

É assim que os objetos, em *Kétala*, são representados: como mediadores sociais que estão perto ou longe dos seus proprietários, revelando os mais diferentes sentidos. Na assembleia que o Máscara preside, os móveis testemunham e apresentam suas versões sobre o convívio com sua dona falecida. Moles (1981, p. 16) chama esse convívio de “mediador social”, pois estes se tornam o verdadeiro testemunho, como solicitou o presidente no início da história, de como é possível a existência de “uma sociedade (industrial) na esfera pessoal”. Ainda de acordo com o autor, os objetos assumem uma representação coletiva, já que a sociedade passa por transformações que personalizam um conjunto, como as conquistas femininas destacadas anteriormente. Dessa forma, fica perceptível como os objetos incidem na vida de Mémoire a ponto de se reunirem para aliviar a tristeza que sentem por causa da partida de sua dona. Com o kétala, esses testemunhos assumem uma significação mediadora, visto que, na casa, juntos, vão descortinando quem foi essa mulher que, além da separação representada pela morte, também lutam para não seguir uma tradição pré-estabelecida.

DO EPÍLOGO OU DAS ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Há muito a ser revelado ainda sobre o romance de Fatou Diome. Contudo, o apresentado neste artigo, já desvela o quanto há de profundidade no testemunho dos móveis, dos objetos e dos utensílios de Mémoire. São muitos e todos assumem, de certa forma, uma importância narrativa. É da tristeza que ninguém cuida que a autora vai mostrando uma sociedade demarcada pela opressão, pelo silenciamento e por marcas que vão sendo mudadas, é certo, aos poucos. Com a conquista das mulheres, percebe-se que a tristeza vai sendo sanada, graças a testemunhos como os da autora, do narrador em 3ª. pessoa e dos móveis. São estes que, sempre

imóveis, cobertos de pó, resistem a separação e não permite que o *kétala* ocorra, subvertendo, assim como sua dona, que uma tradição socioculturalmente imposta se concretize. Se *Mémoria* consegue quebrar com os ditames dados às mulheres na controversa sociedade senegalesa, os móveis definham, deprimem-se pela falta de uso e pela saudade de sua proprietária. É assim que a narrativa chega ao fim. Não há tempo para lamentações, assim decidem. Aqui, neste breve estudo sobre *Kétala*, de Fatou Diome, um pouco do porquê “Quando uma pessoa morre, ninguém cuida da tristeza dos móveis” (DIOME, 2008, p. 272).

REFERÊNCIAS

- DIOME, Fatou. **Kétala**. Lisboa: Europress, 2008. Tradução de Rita Bueno Maia.
- DUARTE, Zuleide. Dizibilidades africanas: palavras de mulher. In: DUARTE, Zuleide. **Outras Áfricas**: elementos para uma literatura da África. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2012. p. 77-84.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Projetos literários em autoria feminina. In: **Literaturas africanas de Língua Portuguesa**: mobilidades e trânsitos diaspóricos. Belo Horizonte: Nandyala, 2015. p. 101-116.
- KILOMBA, Grada. Quem pode falar?: falando no centro, descolonizando o conhecimento. In: **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 47-70.
- MACEDO, Tânia. Estas mulheres cheias de prosa: a narrativa feminina na África oficial de língua portuguesa. In: LEÃO, Ângela Vaz (org). **Contatos e ressonâncias**: literaturas africanas de língua portuguesa. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003. p. 155-168.
- Abraham A. **Teoria dos Objetos**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1981. Tradução de Luiza Lobo.
- SAMB, Fatime. Entre religião e poligamia: uma leitura a partir do romance *une si longue lettre*, de Mariama Bâ. In: GOMES, Patrícia Godinho; FURTADO, Cláudio Alves (orgs). **Encontros e desencontros de lá e de cá do Atlântico**: mulheres africanas e afro-brasileiras em perspectiva de gênero. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 89-112.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa.
- STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. Tradução de Mirna Pinsky.